

Comportamento Semanal de Mercado

2 a 9 de junho



Flexibilização chegando

Com a surpresa positiva de maio, o IPCA fechou com uma alta de 3,94% a.a., ante 4,18% a.a. em abr/23. Observa-se, ainda, uma evolução benigna nas medidas subjacentes para a dinâmica inflacionária. Mesmo com a aceleração que deverá ocorrer no 2º semestre, quando os efeitos da desoneração dos combustíveis na inflação anualizada já estiverem dissipados, o quadro prospectivo é favorável. Contribuindo, ainda, a queda nos preços de atacado que produziu uma deflação em maio de 5,49% a.a. no IGP-DI. O processo de desinflação mais rápido do que o aguardado pelos analistas reduziu na semana o IPCA projetado para 2023 de 5,69% para 5,42% (4 semanas atrás era de 6,03%). Entretanto, a previsão para 2024 reduziu-se em apenas 0,08 p.p. para 4,04%. Com as expectativas bem acima da meta no horizonte relevante para a política monetária, os economistas estimam que a flexibilização só ocorra em setembro. Com queda mais intensa, a inflação implícita na curva das NTN-Bs recuou de 3,83% para 3,64% para o prazo de 1 ano, de 4,68% para 4,34% para o de 2 anos e de 5,02% para 4,71% no de 3 anos. Assim, os prazos mais curtos da curva de juros futuros já embutem alguma chance de que o Banco Central inicie em agosto o ciclo de corte da Selic. O cenário positivo, que vem se constituindo com o encaminhamento da proposta fiscal e a atividade econômica mais forte do que se esperava, foi favorecido também pela perspectiva da manutenção da taxa de juros básica nos EUA e de estímulos governamentais adicionais na China que fizeram o dólar perder força no mercado internacional do câmbio. Assim, o real se apreciou em 1,56% na semana, com a moeda norte-americana encerrando cotada a R\$ 4,88, alcançando o menor patamar desde 07/06/22. Para a semana, a atenção estará focada na divulgação dos dados do varejo, do setor de serviços e do índice IBC-Br que deverão sinalizar a temperatura para a atividade no 2T23. Já a agenda internacional estará fundamentalmente concentrada na inflação ao consumidor e na decisão de política monetária nos EUA, principalmente no que tange a possibilidade de novos aumentos na taxa básica de juros.

Expectativas

PIB - Mediana das projeções



Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Respondendo à surpresa positivo do PIB do 1T23, a mediana das projeções no Boletim Focus para o crescimento do PIB para 2023 avançou de 1,68% para 1,84%, devendo cada vez mais se aproximar de 2,0%. Para 2024, a estimativa oscilou de 1,28% para 1,27% e a para 2025 passou de 1,70% para 1,80%. No curto prazo, as estimativas do IPCA para junho passaram de 0,30% para 0,20%, para julho de 0,34% para 0,32% e para agosto permaneceram em 0,23%.

Com um processo de desinflação mais intenso do que o previsto inicialmente pelos analistas, o IPCA projetado para 2023 desacelerou de 5,69% para 5,42%. Para 2024, horizonte relevante da política monetária, a previsão reduziu-se de 4,12% para 4,04%, enquanto a de 2025 variou de 4,0% para 3,90%.

Com queda mais intensa, a inflação implícita na curva das NTN-Bs recuou de 3,83% para 3,64% para o prazo de 1 ano, de 4,68% para 4,34% para o de 2 anos e de 5,02% para 4,71% para o de 3 anos. A projeção para a taxa de câmbio manteve-se em R\$/US\$ 5,10 ao fim de 2023, subiu 0,2% para R\$/US\$ 5,17 para 2024, permanecendo em R\$/US\$ 5,20 para 2025.

Mesmo com a melhoria no quadro inflacionário, o Focus continuou apontando o início do ciclo de flexibilização monetária somente em setembro, com um corte inicial de 0,50 p.p. levando a Selic para 12,50% a.a. ao final de 2023. O processo se estenderia nos 2 anos seguintes, com a taxa básica terminando em 10,0% a.a. em 2024 e 9,0% a.a. em 2025. Finalizando, com o andamento do novo arcabouço fiscal no Senado e a expectativa mais favorável para economia, a mediana das projeções para o déficit primário em relação ao PIB para 2023 cedeu de -1,10% para -1,05%. Contudo, para 2024 continuou em -0,70% do PIB e para 2025, acelerou de -0,34% para -0,37% do PIB.

Aversão ao Risco

Em meio à perspectiva da manutenção da taxa de juros básica de juros nos EUA no próximo encontro de política monetária do *Federal Reserve* (Fed) e de estímulos adicionais governamentais na China, estabeleceu-se na semana uma corrida na tomada de risco no exterior.

Ainda que a inflação ao consumidor (CPI) de maio, que será divulgada antes da próxima reunião do Fed, tenha o potencial de mudar a diretriz, o número de pedidos semanais por seguro-desemprego muito acima das expectativas reforçou as apostas que a taxa básica se mantenha entre 5,0% a.a. e 5,25% a.a.. Assim, em 09/06, o *Fedwatch* do *CME Group* indicava 72,4% de probabilidade de que os juros fiquem inalterados, ante 27,6% de chance de uma alta de 0,25 p.p..

A diminuição da aversão ao risco reverberou nas altas semanais de 0,4% na S&P 500, de 0,3% no Dow Jones e de 0,1% na Nasdaq. Contudo, com as expectativas de que o Fed possa retomar o aperto monetário, após a decisão dessa semana, os rendimentos dos retornos das *T-Notes* subiram no período, com uma alta de 0,09 p.p. para 4,59% a.a. no vencimento de 2 anos, de 0,08 p.p. para 3,92% a.a. no de 5 anos e de 0,06 p.p. para 3,75% a.a. no de 10 anos.

Contudo, a provável nova alta de 0,25 p.p. pelo Banco Central Europeu (BCE) que levaria a taxa de referência para 4,0% a.a., a estagnação do PIB da Zona do Euro nos 2 últimos trimestres e os receios quanto à evolução da atividade econômica na China tiveram impacto nas quedas de -0,6% na semana no FTSE 100 e no DAX 40. Os retornos dos bonds alemães subiram 0,11 p.p. para 2,91% a.a. para o prazo de 2 anos, 0,08 p.p. para 2,42% a.a. para 5 anos e 0,06 p.p. para 2,38% para 10 anos. Com os dados da demanda externa na China vindo piores do que os esperados, foram alimentadas as expectativas de novas medidas de apoio à economia. Na semana, os bancos estatais já diminuíram suas taxas de depósitos. Assim, a bolsa de Xangai encerrou com estabilidade.

A expectativa de estímulos governamentais para a economia chinesa, também, favoreceu a recuperação nas cotações das commodities alimentícias e metálicas na semana, com a saca de soja negociada na bolsa de Chicago subindo 2,5% para US\$ 1.386,50 e o minério de ferro na bolsa de Qingdao com alta de 4,4% para US\$ 107,80. Por sua vez, os preços do petróleo seguem pressionados pela demanda mais fraca, com a cotação do barril tipo Brent recuando -1,8% para US\$ 74,80, mesmo com o anúncio de redução da produção na Arábia Saudita.

O Ibovespa foi beneficiado pelo fato de que a economia doméstica esteja apontando um ritmo de atividade acima do esperado, os indicadores de inflação surpreendam positivamente, da provável antecipação do início do ciclo de cortes da Selic e do bom desempenho das cotações das commodities e das empresas locais. Completando a 6ª semana consecutiva com ganhos, o indicador subiu 4,0% na semana. O prêmio de risco soberano medido pelo CDS de 5 anos recuou -9,1 bps. para 195,3 bps, ante 254,2 bps ao final de 2022.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	09/06/2023	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	117.019	4,0%	8,9%	9,3%
Nasdaq	13.259	0,1%	7,7%	12,8%
S&P	4.299	0,4%	3,9%	7,0%
Dow Jones	33.877	0,3%	1,0%	5,0%
FTSE 100	7.562	-0,6%	-2,3%	1,2%
DAX 40	15.950	-0,6%	0,3%	12,3%
Nikkei 225	32.265	2,4%	10,8%	14,2%
Xangai	3.231	0,0%	-2,6%	-0,2%

T-Note

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

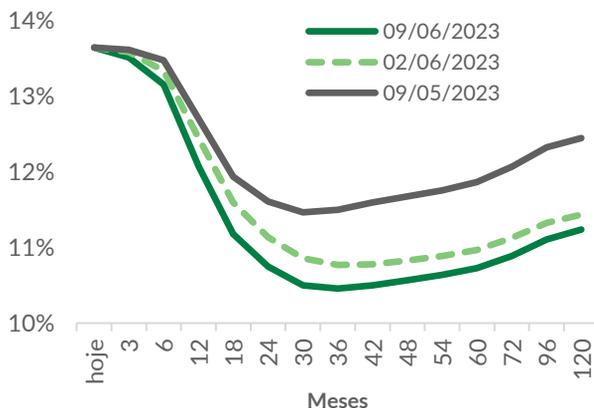
Com uma dinâmica positiva na inflação ao consumidor e de atacado e um cenário externo favorável, a semana apresentou uma forte queda nas taxas de juros futuras. Embora o Boletim Focus aponte a 1ª queda da Selic na reunião de setembro, os prazos mais curtos já embutem alguma chance de que o Banco Central inicie em agosto o ciclo de corte da Selic com uma baixa de 0,50 p.p..

Na 4ª feira passada, foi realizado um megaleilão de títulos públicos que teve um amplo acolhimento pelos investidores, consolidando um cenário de alívio para o mercado de juros. O Tesouro encontrou espaço para realizar a maior venda de instrumentos pré-fixados desde abr/21, ao emitir R\$ 23,1 bilhões em Letras do Tesouro Nacional (LTNs) e notas do Tesouro Nacional, série F, com juros semestrais (NTN-Fs).

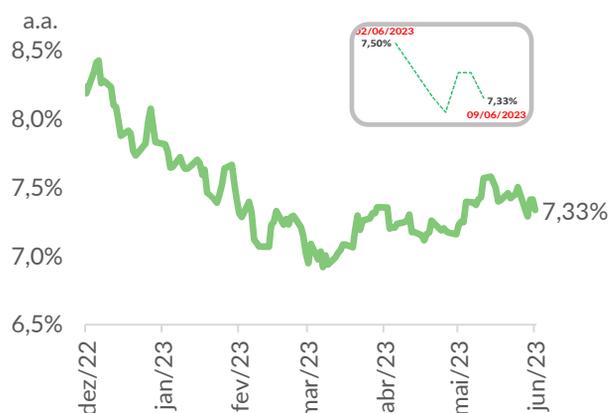
Mesmo com esse megaleilão, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros registrou uma nova diminuição na inclinação da curva, com reduções nas taxas de todos os vértices. Em relação à semana anterior, o indicador de 6 meses saiu de 13,34% a.a. para 13,16% a.a., o de 1 ano de 12,45% a.a. para 12,08% a.a., o de 2 anos de 11,14% a.a. para 10,75% a.a., o de 3 anos de 10,77% a.a. para 10,46% a.a., o de 4 anos de 10,83% a.a. para 10,57% a.a., o de 5 anos de 10,97% a.a. para 10,73% a.a. e o de 10 anos de 11,44% a.a. para 11,24% a.a..

Com a taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias recuando -0,37 p.p. na semana para 12,08% a.a. e a inflação esperada para os próximos 12 meses caindo -0,18 p.p. no mesmo período para 4,42%, a taxa real de juros *ex-ante* fechou em 7,33% a.a., o que representou uma queda de -0,17 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros



Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

Câmbio

Ainda na semana, o *Dollar Index*, que mede o desempenho da moeda norte-americana em relação às dos países desenvolvidos, recuou -0,44%, refletindo as apreciações de 0,38% no euro e de 0,95% na libra esterlina.

Em consonância, o índice que calcula a variação das moedas de países emergentes frente ao dólar caiu -0,13% no mesmo período, com destaques para as apreciações de 3,96% no rand sul-africano, de 3,68% no peso colombiano e de 1,56% no peso mexicano, além das depreciações de 2,03% no rublo russo e de 1,72% no peso argentino.

Além da perda de força da divisa dos EUA, o maior otimismo com a economia doméstica tem peso relevante na diminuição dos prêmios de risco. Assim, o real se apreciou 1,56% na semana frente ao dólar, com a moeda norte-americana encerrando cotada em R\$ 4,88, alcançando o menor patamar desde 07/06/22 (R\$ 4,87). Ademais no que tange à trajetória prospectiva, a manutenção de um considerável diferencial entre as taxas de juros doméstica e internacional deve continuar contribuindo positivamente para o real, mesmo com as projeções de corte da Selic. Com isso, o Banco Central manteve sua atuação no mercado cambial com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 03/07/2023.

*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Real/US\$



Quadro Câmbio

Moeda	Cotação do US\$		Variação		
	09/06/2023	Semana	Mês	12 meses	
Real	4,88	-1,56%	-1,28%	-0,53%	
Euro	0,93	-0,38%	2,17%	-1,23%	
Libra esterlina	0,80	-0,95%	0,42%	-0,63%	
Rand sulafricano	18,76	-3,96%	-0,61%	20,92%	
Peso mexicano	17,28	-1,56%	-1,53%	-12,16%	
Peso argentino	244,98	1,72%	7,21%	101,42%	
Peso colombiano	4186,36	-3,68%	-8,05%	8,93%	
Rublo russo	82,69	2,03%	8,56%	43,96%	

Índice de Emergentes*



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Economia Internacional

A leitura final do PIB da Zona do Euro, relativa ao 1T23, revisou o aumento na margem de 0,1% para uma queda de -0,1%. Os números do 4T22 foram alterados de estabilidade para -0,1%. Com isso, em tese, a economia estaria em recessão técnica. Com relação ao mesmo período do ano anterior, o PIB do 1T23 cresceu 1,0%, desacelerando-se significativamente em relação à alta de 1,8% do 4T23.

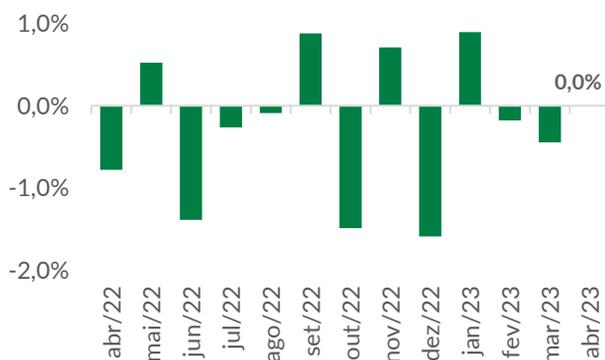
Após a queda de -0,4% em mar/23, as vendas no varejo na zona do euro ficaram estagnadas em abril, com a inflação alta e os temores de uma desaceleração econômica continuam pesando na decisão de gastos das famílias. Por sua vez, o índice de gerentes de compras (PMI) do setor de serviços recuou de 56,2 pts. em abr/23 para 55,1 pts. em maio, mantendo-se ainda em nível bastante elevado.

Nos EUA, de acordo com a S&P Global, o PMI do setor de serviços foi revisado de 53,6 pts. em abril para 54,9 pts., alcançando o maior nível desde abr/22. Por sua vez, o indicador medido pelo ISM caiu de 51,9 pts. em abr/23 para 50,3 pts. em maio, mantendo-se ainda na zona de expansão. Ainda, os novos pedidos por auxílio-desemprego cresceram em 28 mil para 261 mil na semana finda no dia 3, o maior número desde out/21 e acima da expectativa de 240 mil. As solicitações da semana anterior foram revistas para cima, de 232 mil para 233 mil.

O saldo da balança comercial da China somou em maio US\$ 65,8 bilhões, volume bem abaixo dos US\$ 96,8 bilhões estimados. As exportações recuaram -7,5% na comparação anual, ficando em US\$ 273,8 bilhões, enquanto as importações caíram -4,5% para US\$ 210,6 bilhões. No acumulado do ano em relação à igual período de 2022, os embarques aumentaram 0,3% e as compras reduziram-se em -6,7%. O resultado reforça a perda de ímpeto da economia, o que estimula as especulações acerca da implementação de medidas adicionais de estímulos pelo governo.

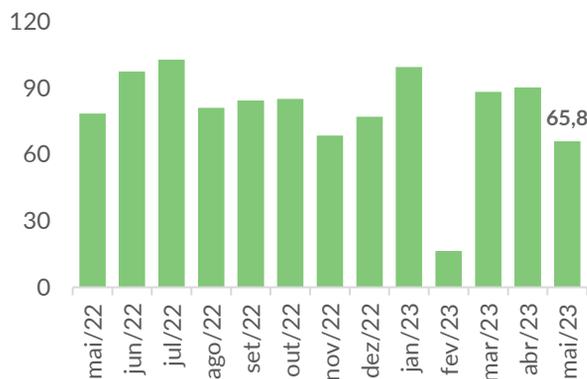
Do lado da inflação, o índice anual de preços ao consumidor (CPI) chinês subiu 0,2% em maio em relação a mai/22, após a alta de 0,1% a.a. em abril, em um ritmo mais lento do que o esperado (0,3% a.a.). Por sua vez, como resultado da queda nos preços internacionais das commodities, da fraca demanda nos mercados de produtos industriais domésticos e estrangeiros e da alta base de comparação, os preços ao produtor (PPI) tiveram queda de -4,6% a.a. em maio, após a deflação de -3,6% a.a. em abril.

Zona do Euro – Vendas no Varejo
Variação mensal – com ajuste



Fonte: Eurostat/ Bloomberg. Elaboração ABBC.

China – Saldo Comercial
Em US\$ Bilhões



IPCA – Mai/23

Além de ser menor em relação à alta de 0,61% em abril, a inflação medida pelo IPCA veio abaixo da expectativa de 0,33%, alcançando 0,23% em maio. Acumulando uma alta de 2,95% no ano, o IPCA fechou maio com alta de 3,94% a.a., ante 4,18% a.a. em abr/23 (11,73% a.a. em mai/22). Porém, o ritmo deve ser intensificado no 2º semestre quando os efeitos da desoneração dos combustíveis na inflação anualizada estarão dissipados.

A surpresa na margem adveio fundamentalmente do comportamento de combustíveis e alimentos. No mês, dos 9 grupos pesquisas, apenas 2 apresentaram queda. Gerando um impacto de -0,12 p.p. na variação mensal do índice cheio, os preços do grupo Transportes tiveram uma retração de -0,57% em maio, após uma alta de 0,56% em abr/23. No grupo, houve o recuo de -17,73% nos preços das passagens aéreas. Com a queda de -5,96% do óleo diesel e de -1,93% da gasolina, a categoria combustíveis caiu -1,82%.

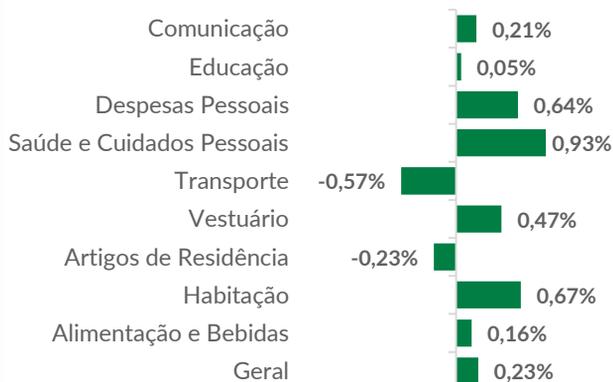
Ao variar de 1,49% em abr/23 para 0,93% em maio, Saúde e Cuidados Pessoais contribuiu com +0,12 p.p. no índice. Por causa dos reajustes aplicados em algumas regiões do país, houve um aumento de 2,67% do item taxa de água e esgoto, o grupo Habitação acelerou de 0,48% em abr/23 para 0,67%, impactando em +0,10 p.p..

A média da inflação anualizada dos 5 núcleos acompanhados pelo Banco Central também se reduziu, passando de 7,31% a.a. em abr/23 para 6,72% a.a.. As medidas subjacentes continuaram indicando uma desinflação de comercializáveis, que deve persistir com a queda na cotação das commodities e a recente valorização do real.

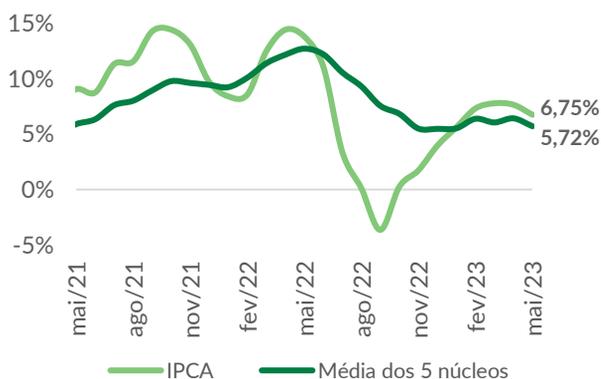
A inflação da Alimentação no domicílio passou de 8,81% a.a. em abr/23 para 7,78% a.a. e a de bens industriais de 10,20% a.a. para 9,17% a.a.. A dinâmica dos preços de serviços, ainda que mais benigna na margem, deve continuar em trajetória mais lenta. A taxa passou de 7,52% a.a. em abr/23 para 7,13% a.a.. Em consonância, a média móvel trimestral (MM3) anualizada e dessazonalizada apontou desaceleração do IPCA, de 7,65% a.a. em abr/23 para 6,75% a.a..

Mesmo movimento foi registrado pela MM3 anualizada e ajustada dos núcleos do BC, de 6,43% a.a. para 5,72% a.a.. Por fim, de forma também positiva, o índice de difusão reduziu-se de 66,0% para 56,0%.

Varição Mensal Abertura



Varição Anual MM3M Dessazonalizada



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

IGP-DI - Mai/23

Superando as expectativas de uma queda de -1,96% e maior que a de -1,01% ocorrida em abr/23, o IGP-DI caiu -2,33% em maio. O índice acumulou uma retração de -3,56% no ano, fazendo com que a deflação aumentasse de -2,57% a.a. em abr/23 para -5,49% a.a. (10,56% a.a. em mai/22).

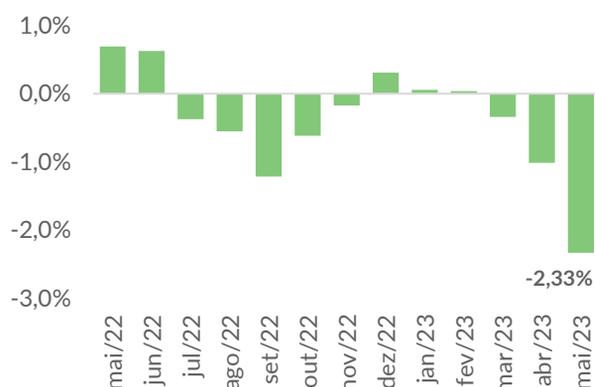
O movimento na margem foi impulsionado pelo comportamento dos preços no atacado. Os agropecuários cederam -4,57% em maio (-3,01% em abr/23) e os industriais caíram -2,90% (-0,99% em abr/23). Com isso, o IPA acelerou o seu ritmo de queda de -1,56% em abr/23 para -3,37%. Contribuíram, também, a retração nos preços do diesel (-3,85% para -14,82%), do minério de ferro (-7,94% para -11,89%) e do milho (-8,06% para -16,85%).

Por estágios de produção, os bens finais recuaram -0,71% ante uma alta de 0,77% em abr/23, resultado principalmente da desaceleração dos combustíveis. A taxa de bens intermediários passou de -0,89% para -3,24% e a de matérias primas brutas caiu de forma mais intensa, ficando em -6,11%, ante -4,45% em abr/23.

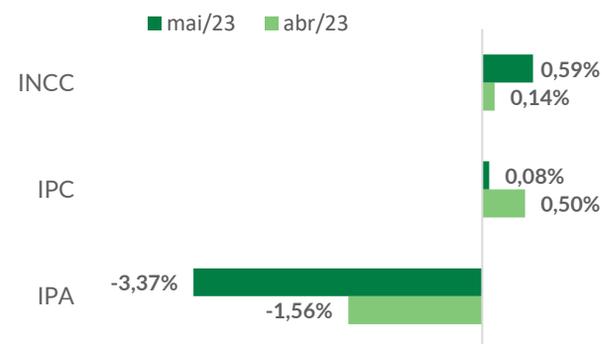
O IPC registrou uma ligeira alta de 0,08% em maio, após uma expansão de 0,50% em abr/23. Dentre as 8 classes de despesa pesquisadas, apenas 2 apresentaram acréscimo em suas taxas de variação: Habitação (0,48% para 0,85%) e Despesas diversas (0,20% para 0,94%). A respeito das classes que apresentaram decréscimo na taxa, vale mencionar Educação, Leitura e Recreação (-0,62% para -3,37%), Saúde e Cuidados Pessoais (1,51% para 0,73%) e Transportes (0,19% para -0,22%). Nesse sentido, destacam-se as movimentações dos preços de passagens aéreas, de -3,67% para -17,91%, e da gasolina, de -0,38% para -1,97%.

Por fim, o INCC acelerou de 0,14% em abr/23 para 0,59%, influenciado sobretudo pelo aumento de custos com a mão de obra (0,00% para 1,22%) em função dos acordos coletivos, enquanto Serviços passou de 0,30% para 0,51% e Materiais e Equipamentos de 0,28% para -0,13%.

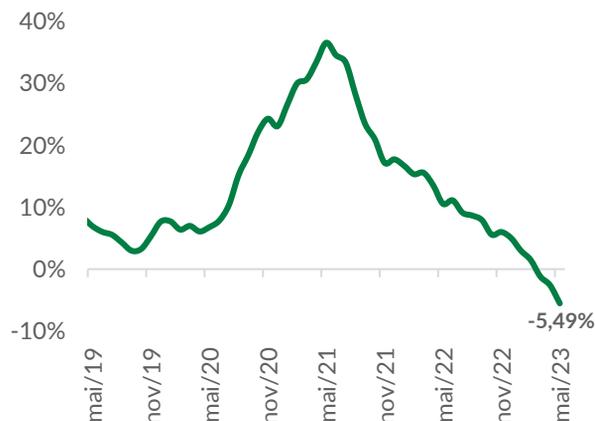
Variação Mensal



Variação Mensal Abertura



Variação Anual



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

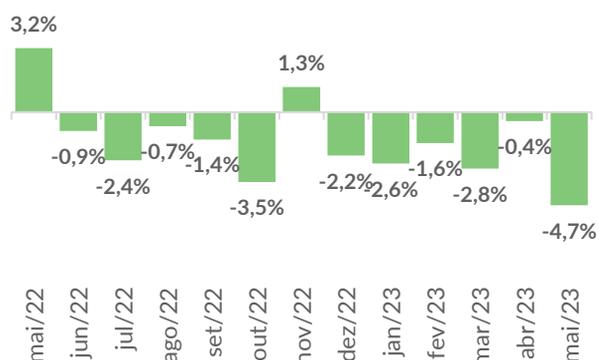
IC -Br - Mai/23

Após as retrações de -2,6% em jan/23, -1,6% em fev/23, -2,8% em março e -0,4% em abril, o índice de *commodities* Brasil (IC-Br), importante sinalizador da evolução futura dos preços acentuou o movimento de queda ao recuar -4,7% em maio. Assim, o índice passou de 362,44 pts. em abril para 345,47 pts..

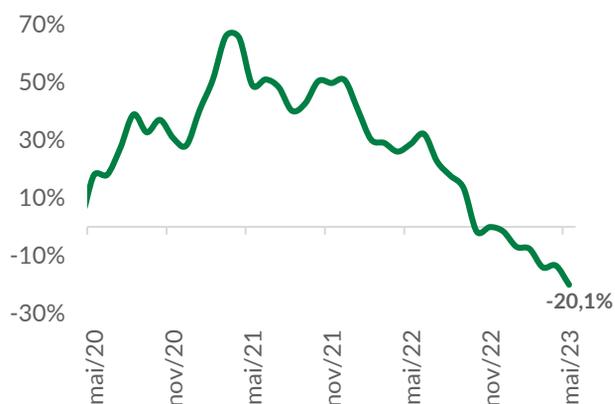
Calculado pelo Banco Central, o indicador é construído com base nos preços das *commodities* agrícolas (carne de boi, óleo de soja, trigo, açúcar, milho, café, arroz e carne de porco), metálicas (alumínio, minério de ferro, cobre, estanho, zinco, chumbo e níquel) e energéticas (gás natural, carvão e petróleo) convertidos para reais. No mês, todos os 3 componentes do indicador apresentaram alívio nos preços, em meio à perspectiva de desaceleração do crescimento econômico global. O resultado foi alavancado pelo componente energia, sobretudo o petróleo, com redução de -9,9%, seguido pelo segmento de metais (-4,7%) e agrícolas (-3,3%).

No acumulado do ano, o indicador acumulou uma retração de -11,6%, liderada pelos produtos energéticos (-32,6%). Em 12 meses, o IC-Br teve recuo de -20,0%, decomposto pelas quedas de -46,2% em energia, -18,7% em metal e -8,8% em agropecuária. Seu indicador equivalente internacional, o *Commodity Research Bureau* (CRB) contraiu-se -1,7% no mês, -7,7% no ano e -13,7% em 12 meses, para 393,6 pts..

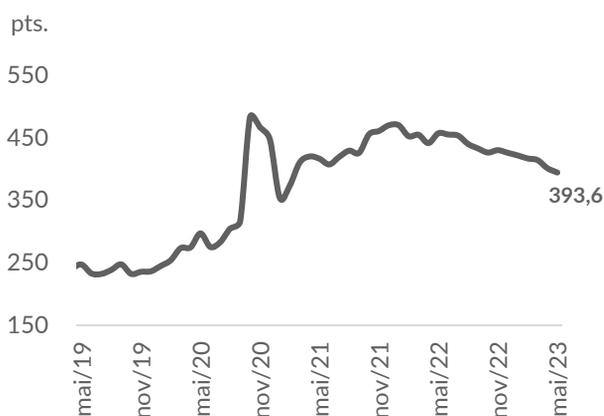
Índice Composto Variação Mensal



Variação Anual



Índice CRB*



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

*CRB: Índice de preços de *commodities*, baseado no mercado à vista, calculado pelo *Commodity Research Bureau*. O índice é uma medida dos movimentos de preços de produtos básicos mais sensíveis a mudanças nas condições econômicas.

Veículos - Mai/23

De acordo com a Anfavea, foram produzidas 227,9 mil unidades de autoveículos em maio, o que representou uma alta de 10,7% em relação a mai/22. Na série com ajuste sazonal, houve crescimento de 5,4% na margem.

O resultado mensal refletiu dinâmicas distintas entre as categorias. Com crescimento de 5,5% na margem e 15,1% ante mai/22, a aceleração da produção de veículos comerciais leves e automóveis provavelmente antecipou o crescimento futuro da demanda com o anúncio de medidas de redução de impostos pelo governo federal. Considerando-se o recente nível de estoques e a limitação por 4 meses do programa de descontos do governo, espera-se uma moderação da produção de veículos a partir do 3T23.

Por conta do aperto monetário em curso e pelo esgotamento do processo de renovação de frota ocasionado pela alteração na regra de emissão de poluentes para os novos veículos, houve decréscimo de -39,0% ante mai/22 nas vendas de pesados para a indústria, a despeito da alta de 2,8% na margem.

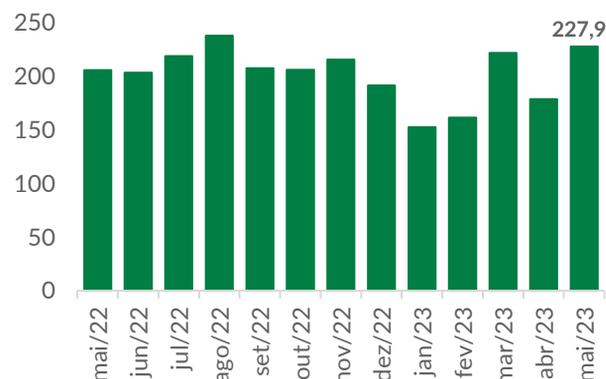
Com o adiamento das compras pelos consumidores, o volume de vendas no mercado interno recuou -15,4% na margem, na série com ajuste, ficando -5,6% abaixo do registrado em mai/22. Ainda, as exportações cresceram 12,3% na margem, mas recuaram -3,7% no comparativo com mai/22.

A variação anual da produção acumulada em 12 meses aumentou de 12,2% a.a. em abr/23 para 12,5% a.a. (-8,9% a.a. em mai/22), enquanto a dos licenciamentos arrefeceu de 10,9% a.a. para 10,4% a.a. (-13,5% a.a. em mai/22). Também em trajetória de desaceleração, as exportações acumularam uma alta de 15,6% a.a. em maio, ante 18,7% a.a. em abr/23 e 24,8% a.a. em mar/23 (4,6% a.a. em mai/22).

Em consonância, os emplacements de veículos divulgados pela Fenabrave indicaram contração de -6,3% na margem, na série dessazonalizada, para um total de 345,6 mil unidades. A variação anual das vendas acumuladas em 12 meses desacelerou de 13,0% a.a. em abr/23 para 12,9% a.a. (-1,9% a.a. em mai/22).

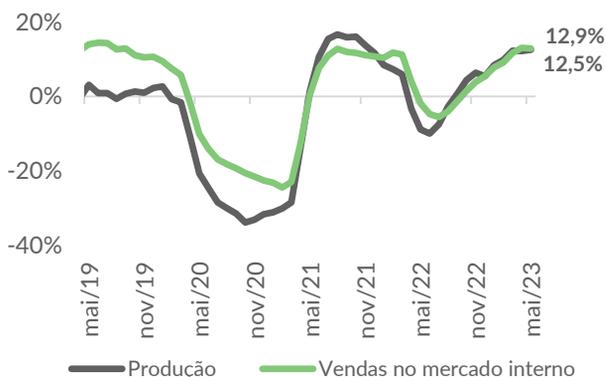
Produção Mensal

Em mil unidades



Evolução Anual

Acumulado em 12 meses



Exportações

Acumuladas em 12 meses



Fonte: Anfavea/Fenabrave. Elaboração ABBC

Endividamento – Mai/23

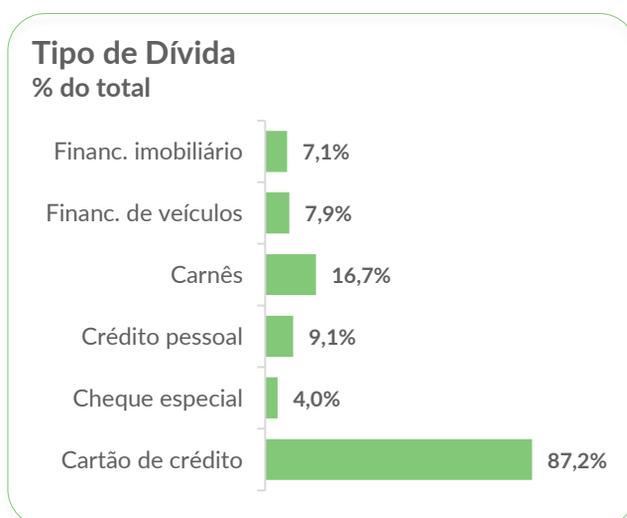
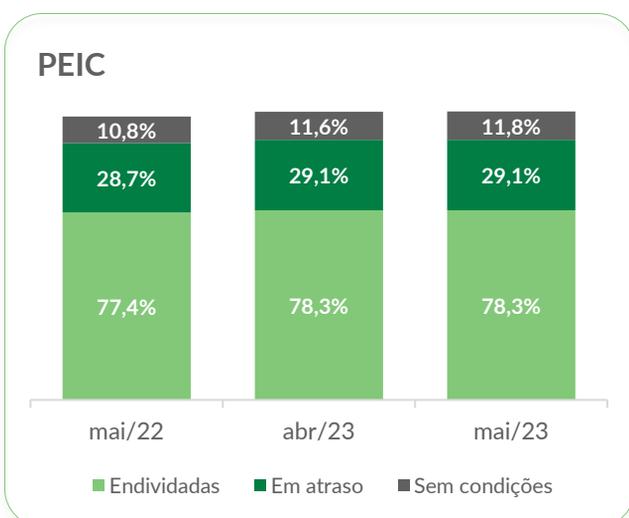
Realizada em um cenário composto pela maior restrição na oferta de crédito, expressa na elevação da taxa de juros, e pelo arrefecimento da inflação e pela evolução ainda favorável do mercado de trabalho, a Pesquisa de Sentimento de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da Confederação Nacional do Comércio (CNC) indicou, pelo 4º mês consecutivo, estabilidade no percentual de famílias que se consideram endividadas. Mantendo-se em 78,3% em maio, o indicador elevou-se 0,9 p.p. em 12 meses. Desse grupo, 18% das famílias se consideram “muito endividadas”, o maior percentual desde ago/22.

Da amostra, 29,1% dos respondentes declararam estar com as contas atrasadas, a mesma proporção verificada em abr/23 e 0,4 p.p. acima de mai/22. A parcela das famílias que informou que não terão condições de pagar as dívidas em atraso era de 11,8%, o que representou elevações de 0,2 p.p. na margem e de 0,9 p.p. ante mai/22. A pesquisa mostrou, ainda, que cerca de 45,7% dos inadimplentes estão com contas atrasadas há mais de três meses, o que representou o maior percentual em 3 anos.

No grupo com renda familiar mensal de até 3 salários mínimos (SM), a proporção de endividados caiu de 79,0% em abr/23 para 78,7% em maio. No grupo com renda acima de 10 SM, essa fatia recuou de 75,3% para 75,0%. Na classe com renda de 3 a 5 SM, a proporção de endividados subiu de 78,7% para 79,6%, e, no grupo de 5 a 10 SM, houve aumento de 77,8% para 78,0%.

Ainda por faixa de rendimento, a inadimplência acelerou entre consumidores com renda média. Dentre os que ganham entre 3 a 5 SM houve alta de 1,9 p.p. em 12 meses para 27,7% e de 2,1 p.p. para 23,4%, para as famílias com rendimento entre 5 e 10 SM. Por outro lado, com a melhora na remuneração dos programas de transferência de renda e nas contratações formais de pessoas de menor nível de escolaridade e queda na inflação de alimentos, o indicador de contas em atraso para as famílias com renda de até 3 SM cresceu apenas 0,4 p.p. em 12 meses para 36,3%.

Por fim, a análise por tipo de dívida mostrou que o cartão de crédito continua liderando com 87,2% do total (86,8% em abr/23 e 88,5% em mai/22). Na sequência, os carnês aparecem com 16,7% (17,0% em abr/23 e 18,2% em mai/22), crédito pessoal com 9,1% (9,0% em abr/23 e 9,1% em mai/22) e financiamento de veículos com 7,9% (8,2% em abr/23 e 11,0% em mai/22).



Fonte: CNC. Elaboração ABBC.

Poupança – Mai/23

Após os resgates líquidos de R\$ -6,1 bilhões em março e de R\$ -6,3 bilhões em abril, a caderneta de poupança registrou captação líquida negativa de R\$ -11,7 bilhões em maio, o maior volume para o mês desde o início da série histórica, em jan/95. No mês, os depósitos somaram R\$ 330,2 bilhões e os saques, R\$ 341,9 bilhões.

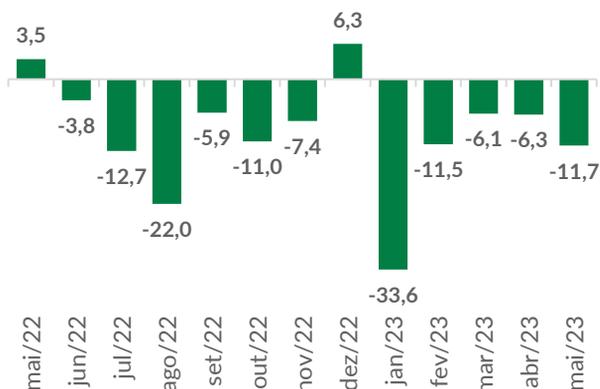
Para o SBPE (Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo), os saques superaram os depósitos em R\$ -10,4 bilhões em maio, quase o dobro do registrado no mês anterior (R\$ -5,1 bilhões). Enquanto para a poupança rural, as saídas líquidas foram de R\$ -1,3 bilhões (R\$ -1,2 bilhões em abr/23).

Com o resultado de maio, a perda acumulada da caderneta de poupança no ano ficou em R\$ -69,2 bilhões. Este cenário é ainda decorrente das taxas de juros que, estando elevadas, reduzem a atratividade deste tipo de investimento comparativamente a outras aplicações dado que os depósitos a prazo e os títulos incentivados garantem rendimentos atrelados ao CDI, cujo retorno ficou em 1,12% ao mês em maio, ao passo que a poupança mantém rendimento de apenas 6,17% a.a. + TR no ano (próximos de 0,72% ao mês em maio).

Por fim, o saldo do SBPE acrescido da poupança rural vem seguindo em uma trajetória de queda e somou R\$ 961,5 bilhões em maio.

Captação Líquida

SBPE + Rural – R\$ bilhões



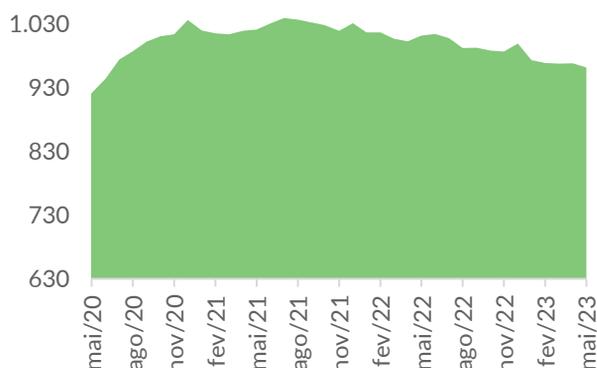
Evolução

SBPE + Rural – R\$ bilhões



Saldo

SBPE + Rural – R\$ bilhões



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,0	1,4
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	6,9	8,3
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	8,8	9,0
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	5,4	4,1
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	0,7	4,2
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	12,50	9,75
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	58,6	55,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-47,5	-53,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,10	5,20
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,1	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,9	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,8	64,4
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	76,7	79,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688